

**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES**
www.uces.edu.ar

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS
SOCIALES (IAEPCIS) "David Maldavsky"**
Doctorado en Psicología
Departamento de Investigaciones

Sábado 22 de julio de 2023
**XIX Jornadas Internacionales de Investigación en
Psicología UCES 2023**
**XXI Jornadas Internacionales de Actualización del
Algoritmo David Liberman**

Título: Biblioteca Humana: desafiando os estereótipos e contribuindo com a empatia

Autor: Corinne Lopes

E-mail: csmilec@hotmail.com

Introdução

Este artigo tem como propósito compartilhar a experiência do evento Biblioteca Humana realizado, em formato *on line*, em função da pandemia da COVID-19, durante a tarde do dia 25 de julho de 2021 dentro do Festival de Empatia. O Festival de Empatia é uma realização anual da Escola de Empatia e tem como propósito celebrar a empatia de formas diferentes e provocar reflexões e práticas de autocuidado e conexão, alinhadas à Comunicação Não Violenta, uma abordagem vinculada à Psicologia Humanista.

A intenção da equipe anfitriã do Festival em hospedar esse evento esteve relacionada à admiração com a iniciativa e à crença de que a experiência poderia contribuir com uma mudança de cultura por meio do convite à prática de empatia e compaixão. A Escola de Empatia acredita que essa prática desses conceitos é uma forma de melhor fazer parte do mundo.

A Biblioteca Humana é uma metodologia criada na Dinamarca pela Human Library Organization, organização não governamental. É uma biblioteca de pessoas, onde os livros não são páginas, mas histórias reais verbalizadas. Nessa biblioteca, montada a partir de demandas de grupos ou organizações, a ideia é que os leitores façam o empréstimo de outros seres humanos, que se prontificam a estarem abertos na condução de diálogos que, normalmente, muitos não teriam acesso. Todo livro humano dessa biblioteca representa um grupo da sociedade que é, constantemente, alvo de preconceito, estereótipo, ou discriminação por conta de seu estilo de vida, diagnóstico, crença ou deficiência, status social ou origem étnica.

Objetivo

Nesse artigo, serão apresentadas as bases conceituais que norteiam a concepção do evento, e um guia para a organização de eventos desse teor, além de relatar o processo de organização da experiência, e aportar os dados de uma pesquisa de avaliação conduzida. Fazer parte da Biblioteca Humana afetou, não somente os leitores, mas a equipe organizadora da experiência; e mostrou-se uma ferramenta potente de empatia.

Referencial teórico

Partindo do pressuposto de que o ser humano não é um ser passivo, mas um ser processador de informações, não se pode perder de vista que as informações, as mesmas, que tornam o sujeito ativo, também o apresentam a um sistema de crenças e estereótipos.

Nessa linha de pensamento, diversas correntes teóricas têm estudado os vínculos entre os processos biológicos básicos e os fenômenos sociais, tais como a teoria da dissonância cognitiva, a teoria da aprendizagem social, a teoria da psicologia cultural, a teoria da representação social e a teoria da cognição social. Essa última teoria afirma que a mente é um sistema de crenças e dialoga com um conceito importante a esse trabalho, que é o conceito de estereótipo.

Pode-se afirmar que o estereótipo é fruto de um aprendizado social, não é racional e pode levar a um círculo vicioso, uma vez que se concretiza como uma forma rápida de fazer inferências.

A partir do senso comum, podemos definir o estereótipo como uma ideia ou conceito que se forma de algo ou alguém de modo apriorístico. Nessa perspectiva, pode ser tomado como sinônimo de preconceito - ou como a repetição indiscriminada ou sem questionamento de modelos pré-estabelecidos de cunho moralista (Goulart et al, 2019, p 112).

Amossy e Herscheberg-Pierrot (2001) definem o estereótipo como uma crença, opinião ou representação relativa a um grupo e seus membros lembrando que esse conceito “não é um conceito teórico absoluto e eterno, mas uma noção própria da época moderna, mais especificamente da era das mídias”, segundo Florencio (2011, p.13).

Apesar do fenômeno participar da construção da identidade social, ele também está intrinsecamente relacionado à existência do preconceito e da discriminação, e à construção dos rótulos, o que pode ser muito perigoso do ponto de vista relacional.

Por essa razão, e como contraponto importante para a desconstrução desse constructo, será abordado, agora, o conceito de empatia, função cognitiva e social, inata ao ser humano e fundamental para a nossa vida social.

El término “empatía” es en realidad una traducción del término alemán "Einfühlung", que Lipps propuso en primer lugar para describir la relación entre una obra de arte y su observador. Luego, amplió este concepto para que englobara las interacciones entre las personas: interpretó nuestra percepción de los movimientos de los demás como una forma de imitación interna y utilizó el ejemplo de observar a un acróbata suspendido en la cuerda floja alta, por encima de las butacas del circo. Lipps afirma que cuando miramos al acróbata en la cuerda sentimos que nosotros mismos estamos dentro del acróbata. (Iacoboni, 2009, p.4).

Outra contribuição importante sobre essa função cognitiva e social, foi a de Carl Rogers: “ser empático é ver o mundo através dos olhos do outro e não, ver o nosso mundo refletido em seus olhos.”

Na última década, os neurocientistas descobriram um circuito de empatia em nosso cérebro, composto por dez conexões, que, uma vez danificado, pode diminuir nossa habilidade de entender o que outras pessoas estão sentindo. Outra descoberta recente da neurociência é que o nosso cérebro é plástico; ou seja, adapta-se aos estímulos que recebe.

Dessa forma, por acreditar ser importante treinar a empatia e a musculatura relacional para ela se fortaleça e se torne algo mais natural, foi organizado o evento Biblioteca Humana. A ideia foi que os leitores, em um contato mais próximo com realidades convencionalmente estereotipadas, como a questão da violência doméstica, do sistema prisional, do HIV/Aids, dentre outras, pudessem repensar seus olhares e visitar as pessoas, menos sob a perspectiva do estereótipo, e mais, sobre a perspectiva da empatia.

Método e instrumentos

Atualmente, a metodologia da Biblioteca Humana é de propriedade intelectual da Human Library Organization (HLO) e para sediar um evento, os organizadores precisam preencher um formulário de aplicação, que fica hospedado no site da instituição: <https://humanlibrary.org/>. Além disso, é preciso pagar uma taxa em dólares para a cessão de uso da metodologia ou solicitar uma bolsa; a Escola de Empatia solicitou e foi beneficiada com uma bolsa.

Uma vez aprovada a inscrição, é feito um contrato com assinatura de ambas as organizações (de um lado, a HLO, e, de outro, a Escola de Empatia). Na sequência, a organização que sediará a experiência recebe um pacote de materiais orientativos.

Feito isso, o passo seguinte é o de recrutar o time de pessoas necessárias à implementação da experiência: como diretriz básica do projeto, era necessário garantir gênero, idade e habilidades diversas. Nosso time foi, então, composto por 5 mulheres e 1 homem variando na faixa etária de 30 a 45 anos.

O processo de encontrar os livros foi um pouco mais desafiador, pois, em função da pandemia, nossa criação de vínculo, confiança e empatia, precisaria se dar, exclusivamente, no ambiente *on line*. Os pilares de preconceitos que elencamos para os livros foram resultado de um cruzamento entre os nossos preconceitos próprios (das organizadoras do evento) e aqueles relatados nas respostas que fizemos da chamada pública de seleção dos livros. Chegou-se aos seguintes pilares de preconceitos/estereótipos: violência doméstica, poliamor, sistema prisional, HIV/Aids e prostituição.

O contato inicial com as pessoas interessadas foi bastante criterioso, entendendo a sensibilidade do projeto: além de todos eles terem preenchido um formulário inicial, a equipe organizadora do evento conversou com todos, de forma individual, por telefone (mais de uma vez), e, uma vez, aceitos os convites, os “livros humanos” foram transferidos para um “editor” (pessoa que os acompanharia em todo o processo de construção do projeto).

A preparação dos livros humanos consistiu em quatro reuniões coletivas com os livros, com duração de cerca de 1h30, cada um dos momentos, além de escutas individualizadas a partir de questões trazidas no processo de revisitar a história de cada uma das pessoas.

Para participar do evento, as pessoas faziam uma inscrição prévia e escolhiam o livro que gostariam de “ler”. No dia do evento, foram organizadas quatro sessões, com 3 livros cada uma das sessões, ou seja, todos os livros foram emprestados em duas sessões distintas. As organizadoras recebiam todos os leitores em uma sala única do *Zoom*, e, após uma anfitriagem a todos de uma só vez e explicação das regras, os leitores eram conduzidos a salas com não mais que cinco pessoas para participar da experiência de ler o livro humano e sua história. Cada livro foi lido/participou da experiência duas vezes, sempre acompanhados pelo seu “editor”, que, nesse momento, se tornaram bibliotecários.

Ao final de cada sessão, os leitores foram convidados, pelos bibliotecários, a responder um questionário estruturado, com perguntas abertas e de perguntas de escala. As perguntas

possuíam um caráter avaliativo do evento e convidavam o leitor a expressar sua opinião sobre a vivência. Também os livros humanos foram convidados a deixar suas impressões sobre a experiência em um outro formulário específico, também com perguntas abertas e perguntas de escala.

Serão apresentados, a seguir, os principais dados da avaliação. Começar-se-á pela avaliação dos livros humanos. Com exceção de um livro humano, que achou regular, todos os demais livros avaliaram como tendo sido ótimo, o acompanhamento dos organizadores durante as suas leituras (se sentiram seguros e confortáveis durante suas leituras). Todos os livros concordaram que o treinamento os preparou, adequadamente, para a publicação como livro humano. Ao avaliarem sua experiência geral como livro na Biblioteca Humana, 2 livros humanos avaliaram a experiência como muito boa e os 4 demais, avaliaram como excelente. Todos foram unânimes em dizer que gostariam de continuar sendo livros humanos na Biblioteca Humana e alguns, inclusive, incentivaram a realização de mais eventos como esse ao longo do ano, pela sua importância de oportunizar voz às muitas histórias caladas de vida que existem em nossa sociedade. A questão do limite de tempo com os leitores; e a revisita de alguns momentos da própria história foram apontados como fatores desafiadores do processo. O acolhimento; respeito; identificação com o público, e a percepção de que as pessoas que leram não tinham uma visão estereotipada sobre o trabalho sexual foram fatores positivos do processo.

No que se refere à avaliação dos leitores, 16 leitores participaram da experiência e preencheram o formulário de avaliação do evento. Dos 16, 6 leitores participaram de mais de uma sessão do evento. A faixa etária do público variou de 30 a 63 anos. Apenas 3 homens participaram como leitores, sendo que 13 foram mulheres leitoras. Foram diversas as ocupações das pessoas que participaram como leitoras, dentre elas, psicóloga, advogada, metroviária, médica, terapeuta e professor. O livro mais lido foi um dos livros cujo tema foi a violência doméstica. O tema mais sugerido para uma próxima edição foi a questão dos estereótipos construídos acerca das relações familiares (filhos de pais gays, pessoas adotadas, pessoas com doenças terminais etc¹), seguidos por questões relacionadas à ideologia (anarquista, feminista, militante de movimento social etc); etnia (asiático, indígena, negro/preto etc), saúde (depressão, esquizofrenia, bulimia, anorexia, automutilação etc) e deficiência (cadeirante, autista, cego, surdo-mudo, etc). O tema menos relevante foi a ocupação (policial, jornalista, político, artista etc).

Quando solicitados a avaliar a experiência, apenas um leitor classificou-a com valor 4, numa escala de 0 (pior avaliação) a 5 (melhor avaliação); os demais foram unânimes em classificá-la como 5. A qualidade do evento foi classificada como muito boa por 20 dos leitores participantes. Foram feitos muitos elogios à proposta, tendo sido apontada a experiência, como uma experiência de empatia e uma oportunidade de refletir sobre os estereótipos, conforme se pretendia desde o início.

Resultados e conclusões

Ao escutar a história do outro, as pessoas ganham a oportunidade de ressignificar suas crenças e estereótipos. Nesse sentido, a equipe organizadora do evento, da Escola de Empatia, avalia a experiência como muito boa e acredita que a Biblioteca Humana é uma ideia significativa, que se inicia com a seleção de pessoas, e que, com uma escuta apurada por parte da equipe organizadora e de si mesmas, proporciona uma transformação pessoal. Essa transformação alcança os leitores e promove conexão e sintonia, além da experiência de uma humanidade compartilhada.

Oportunizar a voz, a muitas dores e memórias, também é dar sentido e significado a elas dentro de outras pessoas. Mas é preciso cuidar, também, para que os estigmas não circunstanciem uma vida que é para muito além dos estereótipos trazidos pela vivência da Biblioteca Humana. Experiência essa de cuidado, de acolhimento, de empatia e uma significativa oportunidade de refletir sobre os estereótipos postos a cada um, cotidianamente.

A indicação é que novas versões do evento sejam realizadas, preferencialmente, de forma presencial e em outros contextos. Após essa primeira experiência, a equipe da Escola de Empatia já foi provocada a pensar a Biblioteca Humana no contexto de um evento de conscientização sobre o HIV/AIDS, mas o evento acabou não acontecendo.

A Escola de Empatia segue firme em seu propósito de disseminar essa experiência da Biblioteca Humana e acredita que ela seja uma experiência de vínculo importante entre o livro humano e o leitor e entre o livro humano e sua própria humanidade.

Referências

Amossy, R. & Herschberg-Pierrot, A. (2021). *Estereotipos y clichés*. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba.

Brown, B. (2016). *A coragem de ser imperfeito*. Sextante.

Brunelli, A. F. (2020). Memes de pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19: estereótipos e simulacros. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 3, p. 73-89, set-nov. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/7946/5460>. Acesso em 01 de março de 2022.

Dunker, C. & Thebas, C. (2019). *O Palhaço e o Psicanalista*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Florencio, R.A.T. (2011). O ano do Brasil na França: um estudo da construção linguístico-discursiva do estereótipo. *Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos*. Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/DAJR-8NAQU5/1/1301d.pdf>. Acesso em 01 de março de 2022.

Gatti, M. A. (2014). Estereótipo e Pré-construído: é possível uma articulação?. *Signótica, Goiânia*, v. 26, n. 2, p. 397-414. DOI: 10.5216/sig.v26i2.29824. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/29824>. Acesso em: 6 abr. 2023.

Iacoboni, M. (2009). *Las neuronas espejo: Empatía, neuropolítica, autismo, imitación, o de cómo entendemos a los otros*. Madri: Katz Editores.

Human Library Organization. (2022) *Human Library Organizer Application*. Disponível em: <https://humanlibrary.org/human-library-organizers/organizer/>. Acesso em 01 de março de 2022.

Goleman, D. (2011). *Inteligência Emocional*. Editora Objetiva.

Goulart, M.S.B., Fiuza, L.H.S., Francisco, C.R., Venturini, E., Nogueira, M.C, Pereira, C.C., Malacco, Y.LC., Camey, L.F., Delforte, I.P. Uematu, L.M.O. & Marques, E.M.O. (2019). Livro Vivo”: rascunhando uma estratégia de inclusão. *Revista Interfaces*. Revista de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Volume 7 / n. 1. Janeiro-Junho de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/issue/view/1051>. Acesso em 01 de março de 2022.

Giuliani, M. F. (2015). La inteligencia emocional: síntesis de dos estudios empíricos. *Revista Kairós Gerontologia*, 18 (No. Especial 20), "Aspectos positivos en la vejez. Cuestiones teóricas", pp. 55-70. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.